



LITERATURA E IDENTIDADE NACIONAL: A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL PERUANA NA POESIA DE JOSÉ SANTOS CHOCANO

Literature and national identity: the formation of peruvian national identity in the poetry of José Santos Chocano

Literatura e identidad nacional: la formación de la identidad nacional peruana en la poesía de José Santos Chocano

Jefferson da Silva Barbosa¹

Resumo: A proposta deste artigo vislumbra analisar a formação da identidade nacional peruana, a partir de sua independência em 1821, ou seja, como o processo histórico se refletiu na identidade nacional. Nesta perspectiva, este trabalho tem por objetivo, analisar como se construiu esse processo no território que atualmente se constitui o Peru, estabelecendo uma relação entre literatura, identidade nacional e história, por meio de uma análise do poema ‘Mi Pueblo’, de José Santos Chocano. Nos resultados, pode-se observar como o autor se viu enquanto peruano através do seu poema e como essa abordagem se relaciona com a construção da identidade nacional Peruana.

Palavras-chave: Nacionalismo. Literatura. Poesia Peruana. Romantismo.

Abstract: The present article proposes to analyze the formation of Peruvian national identity, commencing with its independence in 1821; specifically, how the historical process was reflected in the national identity. From this perspective, the objective of this study is to analyze the construction of this process within the territory currently constituting Peru, establishing a relationship among literature, national identity, and history through an analysis of José Santos Chocano's poem, ‘Mi Pueblo.’ The findings reveal how the author perceived his Peruvian identity through his poetry and how this approach relates to the construction of Peruvian national identity.

Keywords: Nationalism. Literature. Peruvian Poetry. Romanticism.

Resumen: La presente propuesta de artículo se enfoca en analizar la formación de la identidad nacional peruana a partir de su independencia en 1821, es decir, cómo el proceso histórico se reflejó en la construcción identitaria nacional. Desde esta perspectiva, el objetivo de este trabajo

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia-PPGG na Universidade Federal do Tocantins - UFT, campus de Porto Nacional. E-mail: jeffnh.live@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1105477691414309>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-6529-764X>.

consiste en examinar la manera en que dicho proceso se forjó en el territorio que actualmente constituye el Perú, estableciendo una correlación entre literatura, identidad nacional e historia, por medio de un análisis del poema ‘Mi Pueblo’, de José Santos Chocano. Los resultados permitirán observar cómo el autor se concibió a sí mismo como peruano a través de su obra poética y de qué modo este enfoque se vincula con la edificación de la identidad nacional peruana.

Palabras clave: Nacionalismo. Literatura. Poesía Peruana. Romanticismo.

Introdução

A literatura como expressão da identidade nacional sempre desempenhou um papel crucial na história de diversas nações. No entanto, a literatura como fonte de estudo da história só passou a ser considerada a partir das últimas décadas do século XX, “especialmente por sua riqueza de significados para o entendimento do universo cultural, dos valores sociais, das experiências subjetivas dos homens e das mulheres no tempo” (Ferreira, 2009, p. 59).

Durante os séculos XIX e XX, deu-se a formação dos estados nacionais na América Latina, em um período marcado por uma crise de identidade, instabilidade política e econômica, assim como também o crescimento de movimentos políticos separatistas, a literatura serviu como narrativa fundamental para a construção das identidades nacionais, com objetivo de legitimar os novos Estados independentes. No entanto, essa construção narrativa ocorreu de diferentes formas na América Latina, como no Peru que, durante os séculos XIX e XX, podemos questionar, como se deu a construção da nacionalidade peruana? Como a história nacional refletiu na poesia?

Este trabalho está organizado, inicialmente, em revisão bibliográfica sobre nacionalismo, contexto histórico e político do século XIX. Em seguida destacamos a análise teórico-metodológica. No que diz respeito aos resultados, são discutidas as principais características do poema “*Mi Pueblo*” e sua relação com a identidade nacional peruana. Por fim, na conclusão são apresentadas as principais considerações e reflexões por meio desta análise.

A respeito do tema, a hipótese é a de que o poema ‘*Mi Pueblo*’, de José Santos Chocano (1875-1934), retrata a construção narrativa da identidade nacional peruana, assim como também sua complexidade, refletindo um contexto histórico, social e cultural. Ao mergulhar nesta análise, descobriremos como se refletiu o processo histórico na identidade nacional peruana através das palavras do José Santos Chocano.

Cabe destacar, no entanto, que a relação entre história, literatura e identidade nacional é complexa, uma que vez um único poema não conseguiria retratar a identidade peruana abarcando toda a riqueza e diversidade cultural, histórica e social do país em questão, isto, no entanto, não significa que ele não tenha valor no debate sobre a nacionalidade peruana. Pelo contrário, ainda que não seja uma representação totalizante, o poema pode funcionar como um marco simbólico, uma peça que, mesmo parcial, contribui para a construção ou questionamento do imaginário nacional, evidenciando valores à luz de um contexto histórico.

Nacionalismo hispano-americano

A concepção de Estado Nacional como conhecemos hoje começou a ser pensada na Europa do século XV por diversos intelectuais, de Maquiavel (1469-1527) a Hegel (1770-1831). Nesse processo, o Estado é apresentado como a maior organização política conhecida pela humanidade, e se caracteriza por três elementos fundamentais: poder político, povo e território. Ou seja, um poder político que se exerce sobre um território e um conjunto demográfico (isto é, uma população, ou um povo) (Gruppi, 1996, p. 7).

Por não ser algo natural do ponto de vista biológico, o Estado precisou passar por um processo de estimulação e, durante o século XIX, fez-se um esforço para construir uma identidade nacional em todo o mundo a fim de legitimar os estados insurgentes². Na Europa, através de uma historiografia nacionalista, buscou-se o resgate medieval para tal. Na América, fez-se um esforço para construir uma identidade nacional desvinculada de sua antiga metrópole, buscando um resgate das civilizações antigas, como o Império Inca, associadas às belezas naturais e pela valorização de ideais, como liberdades individuais, pregadas pela Revolução Francesa.

Noronha de Sá Mäder, que faz um estudo crítico sobre a construção do nacionalismo na América Hispânica através da historiografia, diz que

Essa historiografia é marcada por uma postura anacrônica e teleológica, que pressupõe a existência de um nacionalismo que teria precedido o processo de construção dos estados nacionais, levando à crença de que a maioria das nações americanas já existia desde o momento da independência. Busca-se assim reconhecer nos movimentos de independência a origem dos estados nacionais que se formarão posteriormente ao longo do século XIX (Mäder, 2008, p. 48).

² A palavra "insurgente" aqui assume um sentido semântico-epistemológico específico, uma vez que os Estados nacionais modernos surgiram precisamente de um movimento de oposição — seja pelas às antigas metrópoles coloniais, seja aos regimes políticos e estruturas de poder precedentes.

No entanto, compreende-se que, “o nacionalismo é uma ideologia que pretende sancionar e legitimar a existência dos estados nacionais” (Aggio; Cordeiro; Pagotto, 2008). Para estes autores, a fonte da ideologia nacionalista foi o idealismo filosófico alemão, construído por meio do Estado para a unificação dos reinos prussianos, no qual os valores universais do iluminismo foi substituído por uma apelação à história e aos valores particulares de cada nação (Aggio *et al.*, 2008).

Para além disso, o nacionalismo é tratado como uma ideologia puramente moderna e contemporânea aos ideais republicanos, associado ao liberalismo. A historiografia nacionalista se projeta como o ato de empunhar uma flecha e atirá-la, ou seja, busca-se projetar-se para trás a fim de chegar ou atingir um determinado alvo ou objetivo.

Os nacionalistas românticos encontraram sua inspiração na cavalaria gótica e no épico medieval, os republicanos citavam sempre os heróis da antiga Grécia e Roma (Aggio *et al.*, 2008, p. 579).

O nacionalismo se trata de um ideário político que se fez universal a partir do século XIX, mas com base crédula nas instituições, na língua, na projeção histórica e na mitologia de cada pátria. Dessa forma, como meio de institucionalização do Estado, levando o cidadão a acreditar que a pátria deve estar acima de família e interesses pessoais.

Também observa-se que a ideologia nacionalista foi utilizada para legitimar Estados autoritários em todo o mundo, principalmente na América com as diversas ditaduras militares durante o século XX. No caso do Peru, a historiadora Sobrevilla Perea defende que a historiografia peruana fez a construção de uma pátria que se deu a partir das guerras de independência, ocorrendo uma falha no sentimento patriótico.

No século XVIII, a oposição ao poder imperial se intensificou em toda a hispanoamérica, impulsionada principalmente pelos ideais iluministas e de livre mercado. De acordo com John Lynch (2004), neste século a Espanha havia se tornado a imagem de suas colônias e não seu complemento, colocando que “tínhamos um caso raro na história moderna: uma economia colonial dependente de uma metrópole subdesenvolvida” (Lynch, 2004, p. 19).

As razões que motivaram o processo de declínio do poder espanhol foram muitas, cabe citar algumas destas razões para que possamos compreender como esse processo aconteceu no Peru e como se relaciona com o contexto macro. Ou seja, precisamos entender a árvore para entender a cor de suas folhas.

A Espanha ao perceber na segunda metade do século XVIII sua posição perante as suas colônias, fez reformas drásticas com a finalidade de se modernizar e manter seu pacto colonial – aumento dos impostos, confisco de terras das igrejas, abertura dos portos (o chamado comércio “*libre*”), sendo esse último, o mais efetivo para o declínio do poder colonial.

Os Bourbons remodelaram o governo imperial, centralizaram o mecanismo de controle e modernizaram a burocracia. Criaram-se novos vice-reinados e outras unidades administrativas. Nomearam-se novos funcionários, os intendentes. Tentaram-se novos modos de governo. Esses significaram em partes novos dispositivos administrativos e fiscais; implicaram igualmente uma vigência mais rigorosa da população americana. O que para a metrópole era desenvolvimento radical, as elites locais interpretaram como um ataque aos interesses locais (Lynch, 2004, p. 25).

A abertura dos portos contribuiria para formação significativa de uma elite local, que legitimava seu poder a partir da metrópole, mas que buscava defender seus interesses mesmo que fosse preciso enfrentar a própria coroa espanhola.

Xavier-Guerra (2009), em *Modernidad e Independencias*, busca entender como os ideais iluministas foram incorporados na América pós Revolução Francesa – ideais que influenciaram as lideranças locais e que foram apropriadas por diversos grupos de maneiras diferentes – liberdade de comércio, liberdade de existência e liberdade para vender sua mão de obra. As relações entre esses grupos se constituíram de forma bastante complexa e muita das vezes contraditória do ponto de vista historiográfico, em que sempre há um oprimido e um opressor.

Wasserman (2017), no entanto, busca explicar o declínio do poder colonial, sob a relação entre dois processos intrínsecos, enfatizando como o processo econômico foi fundamental para o surgimento de Estados nacionais.

A internacionalização do modo de produção capitalista que conduz a institucionalização do poder burguês no mundo todo e, por outro lado, os processos de emancipação das colônias ibéricas. O primeiro processo tem um caráter econômico-social e o segundo é eminentemente político-militar. O vínculo reside justamente na estreita articulação entre esses aspectos da realidade (Wasserman, 2003, p. 177).

O questionamento da ordem vigente foi apoiado por diferentes grupos, em diferentes localidades, ora questionada pelos *criollos*³, ora pelos povos indígenas que participaram como

³ Neste contexto, a palavra refere-se aos descendentes de europeus, principalmente espanhóis, nascidos nas colônias americanas.

agentes ativos de todo esse processo, como explica Almeida (2014), que traz uma nova abordagem historiográfica a respeito das populações indígenas na América. Os processos de independência na América Latina que ocorreram ao longo do século XIX contaram com a participação significativa de diversos povos indígenas, que atuaram de diferentes maneiras, e de acordo com seus próprios interesses.

Os processos de independência e formação dos novos Estados e nações latino-americanas, ocorridos ao longo do século XIX, **contaram com a presença e a participação significativa de diversos povos indígenas que atuaram de diferentes formas.** [...] trata-se de uma significativa revisão historiográfica, se considerarmos que, por muito tempo, eles foram praticamente ignorados por historiadores, cuja tendência era desconsiderar suas identidades e ações ao longo dos Oitocentos. (Almeida, 2014, p. 106, grifo nosso).

A partir do entendimento de que diversos fatores estão relacionados ao declínio do poder imperial espanhol, este trabalho considera as respectivas evidências dos autores citados acima, além de considerar o papel ativo das populações indígenas nesse processo, com interesses próprios.

Sobrevilla (2008) destaca que para muitos peruanos da época, a ideia de “pátria” não estava ligada a um sentimento nacionalista abstrato, muito diferente de como entendemos hoje, mas estava ligado a agir em benefício dos próprios interesses e comunidades locais. Além disso, os diversos grupos que se envolveram na Guerra de Independência – como *criollos*, indígenas e afrodescendentes e até alguns espanhóis – tinham diferentes ideias sobre o que significava ser peruano e de como a nação deveria ser governada.

Diferentemente do que ocorreu no Haiti em 1804, onde cerca de 450 mil escravos iniciaram a revolução de independência da América francesa, a guerra de independência na América Peruana foi conduzida por dois grupos de elites diferentes, os *chapetones*, que defendiam a manutenção do sistema vigente representado pelo vice-rei, e os *criollos*, em sua maioria liberais que buscavam a emancipação do Peru. Contudo, Sobrevilla (2008) evidencia que o sentimento nacional peruano foi construído durante a guerra nos Andes entre o período de independência.

Em 1810, 18 milhões de habitantes viviam nas Américas sob o governo da Espanha. Destes, oito milhões eram indígenas originários do Novo Mundo; um milhão eram negros trazidos da África; cinco milhões eram mestiços; e a minoria de quatro milhões era de brancos, tanto espanhóis peninsulares, os chamados *chapetones*, como *crioulos* [sic], isto é, brancos nascidos nas Américas (Mäder, 2008, p. 226)

Todavia, o desejo de libertar o Peru do domínio espanhol viria do exterior e de elites locais *criollas*. O general argentino José de San Martín deu vida a esse ambicioso plano. De agosto de 1814 a dezembro de 1816, formou o exército de libertação com soldados argentinos e chilenos, que cruzou os Andes e ocupou Lima. Enquanto muitos outros países latino-americanos lutaram pela independência no início do século XIX, o Peru permanecia “leal” ao governo espanhol, mesmo com suas várias problemáticas em relação a revogação da constituição de Cádiz pelo rei Fernando VII⁴. O Peru, especialmente sua capital Lima, era um entrincheiramento monarquista, governada por um vice-reinado da Espanha. Em 1818, o vice-rei do Peru, Plazuela, iniciou uma ação militar contra o Chile, até mesmo declarar a independência no mesmo ano. O movimento encontrou pouco apoio local ou internacional e, por fim, Argentina e Chile assinaram um tratado visando a libertação do Peru.

Uma vez que Lima havia sido abandonada, San Martín foi convidado pelo governo municipal a entrar na cidade triunfantemente declarar independência no dia 28 de junho de 1821, dando prosseguimento às cerimônias coloniais de proclamações reais. (Sobrevilla, 2008, p. 47).

Em 28 de julho de 1821, o comandante argentino José San Martín, “buscou apoio dos negros e indígenas, com emancipação de todos os escravos nascidos depois da independência; a a abolição de todos os tributos e o uso de ‘índios’ para serviços pessoais foi proclamada”. (Sobrevilla, 2008), a estratégia de San Martín adotou o discurso ligado ao sentimento patriótico, defendendo uma monarquia como melhor forma de representação popular, no entanto, foi rejeitado pelas elites locais, ao contrário do que se aconteceu no processo de independência do Brasil — no qual as elites locais se mobilizaram em torno da proclamação da independência e de uma monarquia como mecanismo sistemático de preservação de seus interesses econômicos —, no caso peruano, a proposta de um regime monárquico assumiu contornos distintos, sendo mais fortemente associada aos ideais de maior representação popular. Essa configuração, contudo, foi rechaçada pelas elites locais, que viam na monarquia um potencial instrumento de redistribuição do poder que ameaçava sua hegemonia, atribuído-lhes a ideias ilegítimas.

⁴ A Constituição promulgada em 1812 que limitava o poder do rei durante a ocupação napoleônica na Espanha (1808 - 1814) tornado-se um marco muito importante tanto na história da Espanha quanto na das colônias americanas — e teve grande impacto no avanço dos movimentos de independência em toda América Espanhola.

Embora a independência tenha sido proclamada em 1821, como mencionado, foi apenas com a vitória decisiva de Simón Bolívar e José de San Martín na Batalha de Ayacucho, em 1824, que o Peru se tornou efetivamente independente, após a derrota final das forças coloniais espanholas.

Todavia, apesar da independência ter sido proclamada em 1821, como citado acima, foi somente quando Simón Bolívar e Jose San Martin obtiveram uma vitória decisiva na Batalha de Ayacucho em 1824, após a derrota final das forças coloniais espanholas, que o Peru foi verdadeiramente independente. Nesse contexto, a identidade nacional peruana formou-se a partir de um patriotismo *criollo*, representado por líderes como Bolívar e San Martín, cuja luta consolidou a independência frente à presença espanhola. Além disso, as disputas territoriais posteriores contribuíram para moldar o sentimento nacional, reforçando os vínculos entre soberania e identidade.

Literatura e identidade nacional

A reinterpretação do passado e da memória constitui-se como um fenômeno extremamente importante para a construção da identidade coletiva. Trazendo significados em torno de um tempo que passou e que não existe mais, está uma estratégia que foi frequentemente utilizada através de diversos mecanismos, culturais e políticos.

É nesse contexto que, após as independências, as nações latino-americanas fizeram um esforço para construírem suas identidades nacionais desvinculadas de suas antigas metrópoles. Segundo Martin (2004), a passagem histórica de colônia europeia para república independente, corresponde ao início de uma transição na produção artística e cultural, nas artes, músicas, arquitetura, pintura e literatura - do barroco ao Romantismo, Martin (2004) define o Romantismo como:

O romantismo triunfante é o estilo característico da nova era, particularmente na literatura - ainda que permanecesse a influência do neoclassicismo nas outras artes, sobretudo na pintura e na arquitetura, tenha sido muito mais persistente do que geralmente se avalia. A equiparação feita por Hugo do liberalismo na política ao romantismo na literatura aplica-se de modo mais consistente, embora mais contraditório, na América Latina do que na Europa, onde boa parte do ímpeto romântico era, na realidade, uma saudade aristocrática de um mundo pré científico, pré industrial (Martin, 2004, p. 829).

Martin (2004) observa que o fato de movimentos literários como o Romantismo não terem surgido na América, acabou gerando para a América alguns rótulos que foram

subentendidos de diversas formas, sendo acrescentado o fenômeno das belezas naturais na literatura e nas pinturas. Apesar de saudade evidente do passado sobre perspectiva da literatura romântica, é eminente ao contexto no qual seus agentes estão inseridos, “podem fazê-lo também com o objetivo de realizar uma autópsia desse passado, no caso em que estão reescrevendo uma história segundo a visão burguesa do mundo” (Martin, 2004, p. 863).

Como já citado, diversos foram os artifícios utilizados para criação da identidade nacional peruana, e um dos mais recorrentes foi a utilização da literatura, com a escola literária do Romantismo e posteriormente o Modernismo. Neste contexto, dentre suas características, o Romantismo propõe a valorização (e, no caso, a criação) de uma identidade nacional, a partir de um passado épico e heróico.

O historiador Pedro Francisco Cataneli (2009) faz uma pesquisa sobre Romantismo e Modernismo literário, entre os anos finais do século XXI e início do século XX e, de acordo com o autor, a literatura latino-americana passou por um processo de modernização impulsionado por autores como Rubén Dário (Nicarágua) (1867-1916) e José Henrique Rodó (1871-1917) (Uruguai), que introduziram novas formas estilísticas e temas inovadores, influenciados pela literatura europeia em especial a literatura francesa, mas com negação da literatura espanhola como forma de distanciamento da antiga metrópole. No contexto latino-americano, incorporou uma perspectiva mais universalista e voltou-se para o passado colonial como forma de construção identitária, apesar distantes das tradições orais populares (Cataneli, 2009).

No Peru, destacaram-se Ricardo Palma (1833-1919) e Manuel González Prada (1844 - 1918), figuras centrais na transformação literária e ideológica do século XIX. Como parte de uma elite *criolla* peruana, Palma gerou debates entre críticos que o acusavam de saudosismo colonial. Já González Prada, foco deste estudo, usou sua escrita como ferramenta política através da arte, denunciando problemas sociais deixados pela colonização espanhola, a corrupção estatal e a marginalização indígena, além de criticar a condução da Guerra do Pacífico. Sua obra refletia nacionalismo crítico às elites locais e repúdio às estruturas tradicionais do Peru, posicionando-o como agente de mudança na cultura e na política peruanas (Cataneli, 2009).

Assim, foi feita uma releitura épica do passado peruano, com foco no aspecto nativista, o indianismo Inca, como figura valorosa, a fim de se criar uma figura coberta de heroísmo e com qualidades honrosas, como bravura e resistência, quase sempre lhe concedendo uma morte

heroica. Para Jesus (2004), que fez uma pesquisa a respeito das particularidades do indianismo no México e no Peru, a guerra contra o Chile impulsionou o patriotismo peruano e demonstrou a necessidade de consolidar o Estado e principalmente a nação. Nesse contexto, o governo de Cáceres foi considerado o iniciador do período nacional, ou seja, a construção de um projeto nacional que ultrapassou o patriotismo *criollo* (Jesus, 2012, p. 186).

O debate iniciado durante essa época foi fundamental para a construção da identidade nacional peruana e, mais, foi importante na consolidação da ideia de que um projeto nacional homogêneo era inviável porque o Peru estava dividido em dois: Lima, que representava a costa e a cultura herdada pelos espanhóis, e Cusco, região serrana e base da cultura indígena (Jesus, 2012, p. 186).

Durante o período oitocentista, a conjuntura política teve forte influência na identidade nacional peruana. O Romantismo e o Modernismo literários, além de estarem ligados à valorização dos povos indígenas, das tradições locais, das paisagens peruanas e de sua história, pode-se observar também seu sentido ideológico, de criação de uma nacionalidade e legitimação da república enquanto sistema político.

Análise do poema

O poema “*Mi Pueblo*” foi escrito por José Santos Chocano, renomado poeta peruano. O poema em questão foi publicado na obra “*Alma América*”, em 1906. O livro “*Alma América*” reúne poemas de Chocano com cerca de 100 sonetos que refletem sua visão sobre identidade, história e lutas sociais das Américas e do Peru. A coleção poética foi feita pelo poeta e jornalista nicaraguense Rubén Darío, com dedicatória ao rei da Espanha Alfonso XIII – revela-se aqui uma notável contradição o fato de uma obra de cunho nacionalista trazer, em sua dedicatória, uma homenagem ao monarca que simboliza a antiga metrópole colonial.

A publicação deste trabalho aumentou significativamente o prestígio do autor perante a sociedade. José Santos Chocano obteve grande reconhecimento por tentar explicar e sintetizar a história e a cultura da América Latina através da poesia. Apesar de ter experimentado vários estilos de poesia, seus escritos demonstraram sentido romântico e expressaram o amor do poeta pelas paisagens e culturas do continente latino-americano. O poema surge em um contexto marcado pela busca de identidade nacional na América Latina pós-colonial, quando muitos países ainda lidavam com as cicatrizes da exploração e da exclusão social. Chocano, um

expoente do Modernismo hispano-americano, utiliza sua linguagem poética não apenas como expressão estética, mas como um instrumento de conscientização e mobilização.

O poema “*Mi Pueblo*” é um dos destaques da obra, representa o engajamento do autor com as questões sociais e políticas de seu tempo e está dividido em 13 (treze) estrofes, das quais serão analisadas de uma ou duas estrofes por parágrafo.

Mi Pueblo

*En los abismos de mi América lloro
con el llanto inmenso de mis cordilleras,
lloro en todas las lenguas de mis tribus,
en el sueño solar de las quimeras* (Chocano, 1896, p.245).

Nessa primeira estrofe do poema observa-se que o eu-lírico está fazendo um apelo ao seu povo, o povo da América, não somente ao povo peruano. Trata-se de uma referência a um processo histórico comum às pátrias existentes na América Hispânica, frutos de mesmo “parto”, que lhes proporcionou identidade minimamente compartilhada entre a América Hispânica. O eu-lírico exprime sua tristeza de forma exacerbada e faz referência à diversidade indígena.

*Y mi llanto en el canto se deshace
en el llanto sempiterno de la raza
que arrastra sus mil años de esclavitud
por los caminos áridos de la desgracia* (Chocano, 1896, p.245).

Na segunda estrofe, observa-se que existe continuidade na sua angústia, mas o eu-lírico justifica que ela simboliza uma grito de desabafo de uma raça (ou, várias raças, considerando a estrofe anterior), essas raças seriam os milhares de indígenas escravizados durante a colonização espanhola.

*Lloro en la sal del mar con las caricias
de mi largo rumor de olas y arenas,
y en el rincón sombrío de las minas
donde el alma se afana en sus condenas* (Chocano, 1896, p.245).

Na terceira estrofe, não está muito clara a mensagem do eu-lírico, pois observa-se que a sua angústia e tristeza continuam, mas usa fenômenos naturais para expressar sentimentos, talvez pela boa relação que os povos indígenas têm com a natureza ou porque as belezas naturais fazem parte da identidade latino-americana.

*Y en la quebrada de los mapasurcos
donde la piel del hombre se desgarr,
lloro en la herida vieja de los hombres,
en la herida que no cierra la esperanza* (Chocano, 1896, p.245).

Já nesta copla, faz referência a um passado sem esperança, no qual as feridas são incuráveis, ou seja, sentimentais.

*Lloro en el viento, en los torrentes bravos
que llevan las espumas de los Andes,
y en las cumbres donde el cóndor enciende
sus nidos de luciérnagas celestes.*

*En los llanos lloro, en los desiertos
donde no existe ya la flor ni el canto,
y donde el sol, el alma de mis razas,
quema los huesos de la tierra en llanto* (Chocano, 1896, p.246).

Visualiza-se, nessas duas estrofes acima, a tentativa do eu-lírico de falar sobre a paisagem americana, citando elementos naturais que foram destruídos por algum tipo de violência.

*Y en la luz y en la sombra y en el aire
donde busco la estrofa perdida,
lloro en la pampa y en la selva oscura
donde la vida está de muerte herida.*

*Mi llanto es un clamor de la distancia
en la voz de los valles y de los ríos,
y en el sol que se esconde en las colinas
donde mueren en gritos los luceros bravíos* (CHOCANO, 1896, p. 246).

Ainda em concordância com a análise das estrofes, acima percebe-se os aspectos das belezas naturais existentes na América em contraste com um processo de sofrimento do eu-lírico.

*Mas mi llanto se encarna en los sonos
de mi arpa andina, vieja y conmovida,
y en el verso de oro de mis poetas
que vibran al clamor de su agonía.*

*Y lloro en el clamor de mis banderas
y en el vuelo de mis negras galas,
y en el dolor de mis corazones
que estallan como bombas de metralla* (Chocano, 1896, p. 246).

O eu-lírico faz referência aos que vieram antes dele, mas que sentiram a mesma insatisfação e que essa insatisfação não estava apenas ligada a uma bandeira, mas a várias, novamente percebe-se elementos de uma identidade que perpassa um único país.

*En el ronco rumor de mis batallas,
en el estampido de mis cañones,
en el reto bronceado de las metrallas
y en el grito clamoroso de mis fogones.*

*Y mi llanto será como el río
que en la noche fecunda de la tierra,
se arranca de sus húmedas cavernas
y en torrentes de vida se destierra* (Chocano, 1896, p. 246).

Visualiza-se o caráter cívico que envolve as peculiaridades das suas emoções, onde refere-se às belezas naturais como algo que cativa suas emoções, mas que também dá dimensão das suas emoções.

*Y así, en mis llantos, tú, Pueblo mío,
de canto en canto y de raza en raza,
tú, que entiendes el grito de la historia,
pondrás en el clamor de mis lágrimas tu esperanza* (Chocano, 1896, p. 246).

Neste último estrofe do poema de José Santos Chocano, o eu-lírico dirige-se ao seu povo com um apelo profundamente emocionado e com um viés político, revelando uma síntese entre uma dor histórica e esperança coletiva do presente e futuro. A expressão "*Y así, en mis llantos, tú, Pueblo mío*" estabelece uma conexão íntima entre o poeta e seu povo, sugerindo que suas lamentações não são individuais, mas sim um reflexo de uma identidade que foi forjada pela violência da guerra compartilhada e por uma comunidade historicamente oprimida pelos colonizadores. O verso "*de canto en canto y de raza en raza*" reforça a ideia de continuidade,

incluindo gerações e etnias em uma mesma narrativa de resistência. Aqui, Chocano evoca a ancestralidade indígena e mestiça, valorizando-a como parte fundamental da identidade latino-americana — um gesto que dialoga com o indigenismo emergente em seu tempo, como visto em autores como Manuel González Prada.

O "*grito de la historia*" mencionado no poema não é um lamento passivo, mas um chamado à ação, uma convocação para que o povo reconheça sua força na luta por justiça. O clamor das lágrimas do poeta não é um fim em si mesmo, mas um veículo para a esperança, como afirma o verso final: "*pondrás en el clamor de mis lágrimas tu esperanza*". Essa esperança não é abstrata; está enraizada na consciência histórica de um povo que, ao entender seu passado de opressão, pode transformar seu futuro.

Conclusões

Neste artigo, o poema *Mi Pueblo*, apresentou elementos contundentes a respeito da construção da identidade nacional peruana enquanto Estado independente. Fazendo referência a sua diversidade étnica, paisagem, mostrando a memória coletiva do homem médio a respeito do processo histórico no qual eis fruto.

Observa-se a importância da literatura romântica para construção da identidade peruana, que antes de um projeto nacionalista, desempenhou um projeto americanista, com forte apela a história de luta das comunidades tradicionais e valorização do hipoanoamericano.

Culturalmente, o poema reflete valores como unidade, resistência e identidade coletiva, contrastando com o individualismo predominante em outras vertentes literárias da época. Chocano assume o papel de porta-voz, transformando sua voz lírica em um eco das demandas sociais. Seu tom é quase profético, antecipando discursos que ganhariam força no século XX, quando movimentos revolucionários e indigenistas reivindicariam o lugar dos marginalizados na construção das nações latino-americanas.

Assim, o poema não apenas expressa um sentimento de solidariedade e revolta, mas também projeta um horizonte de mudança. A dor, longe de ser estéril, converte-se em semente de transformação — uma mensagem que ressoa tanto no Peru de fins do século XIX quanto em lutas contemporâneas por memória e justiça social. Chocano, ao fundir o pessoal e o político, oferece uma poesia que é, ao mesmo tempo, espelho e farol: reflete a realidade cruel de seu tempo, mas também ilumina o caminho para um amanhã mais digno.

No entanto, é importante enfatizar as limitações deste estudo. A análise é limitada a um número específico de obras e autores, ignorando outras vozes e perspectivas relevantes sobre o tema. Além disso, é preciso reconhecer que a construção da identidade nacional é um processo complexo e multifacetado que vai além da literatura, sendo a literatura um dos artifícios narrativos para tal.

Referências

ALMEIDA, Maria Regina Celestino. Populações indígenas e Estados nacionais latino-americanos: novas abordagens historiográficas. In: AZEVEDO, Cecília; RAMINELLI, Ronald (org.). **História das Américas: novas perspectivas**. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2014. p. 105-133.

AGGIO, Alberto; PAGOTTO, Aline Maria de Carvalho; CORDEIRO, Ítalo Rodrigo Xavier. América Ibérica no Século XIX: Nacionalismo e Independência. In: Brading, David. Nacionalismo e Estado na América Hispânica. **História Revista**, Goiânia, v. 13, n. 2, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/6653>. Acesso em: 26 mai. 2023.

CATANELI, Pedro Francisco. **Manuel González Prada (1844-1918): história, debate e pensamento**. 2009. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2009. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/items/56a4f766-bb9d-4458-9227-bfdf81139139/full>. Acesso em: 27 out. 2025.

CHOCANO, José Santos. Mi Pueblo. In: CHOCANO, José Santos. **Alma América: poemas indo-espanoles**. Lima: 1896. 346 p.

FERREIRA, Antônio Celso. Literatura: a fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2019. p. 173-188.

GRUPPI, Luciano. **Tudo começou com Maquiavel: as concepções de Estado em Marx, Engels, Lênin e Gramsci**. Tradução e edição de texto: Dario Canali. 14. ed. Porto Alegre: L&PM, 1996. 93 p.

JESUS, Graziela Menezes de. Considerações sobre o indigenismo no México e Peru: a construção da identidade nacional na perspectiva política e intelectual. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, [S. l.], n. 12, p. 176-196, 2012. Disponível em: <https://revista.anphlac.org.br/anphlac/article/view/1335>. Acesso em: 27 out. 2025.

LYNCH, John. As origens da Independência da América Espanhola. In: BETHELL, Leslie (org.) **História da América Latina: da Independência a 1870**. São Paulo: Edusp, 2004. p. 19-70.

MÄDER, Maria Elisa Noronha de Sá. Revoluções de Independência na América Hispânica: uma reflexão historiográfica. **Revista de História**, São Paulo, n. 159, p. 225-241. Disponível em: [file:///C:/Users/Eloisa/Downloads/estagiorh,+a09n159%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Eloisa/Downloads/estagiorh,+a09n159%20(2).pdf). Acesso em: 30 out. 2025.

Maestro Virtual. **José Santos Chocano**: biografia e obras. Maestro Virtual. Disponível em: <https://maestrovirtuale.com/jose-santos-chocano-biografia-e-obras/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

SOBREVILLA PEREA, Natalia. Questionando o significado de Pátria: tornando-se peruano durante a guerra 1809-1824. In: PAMPLONA, Marco Antonio; MÄDER, Maria Elisa (org.). **Revoluções de independências e nacionalismos nas Américas**: Peru e Bolívia. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p. 19-62.

XAVIER-GUERRA, François. **Modernidad y Independencias**: ensayos sobre las revoluciones hispánicas. 1. ed. Madrid: Ediciones Encuentro, 2008. 496 p.

Recebido em: 14 de junho 2025

Aceito em: 3 de novembro de 2025
